

# humanitas

**Vol. V-VI**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLS. II E III DA NOVA SÉRIE  
(VOLS. V E VI DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA  
MCMLIII-IV

y *castele* (v. *Estudios* p. 26). De todas maneras, el autor ha hecho un trabajo meritorio, al recoger y criticar los resultados de modernas investigaciones de Vallejo y Rodríguez Adrados, y al esforzarse en incluir en un cuadro la formación de nombres en *-on*.

Bien merece el premio que le ha sido concedido este trabajo, y ojala que Tarragona, que es una de las claves de nuestra historia, siga obteniendo la atención de investigadores tan laboriosos e entusiastas como Pericay.

ANTÓNIO TOVAR

Rogério Azevedo — A inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire).

Documento musical único na Europa (Elementos para a sua interpretação). Separata da revista «Beira Alta», Viseu, 1954, 40 pp.

Rogério Azevedo — Apendiculado à inscrição de Lamas de Moledo. Porto, 1954, 4 pp.

O Sr. Arquitecto Rogério Azevedo meteu-se a linguista e nada de censurável há nisso. A hora, aliás, parece ser dos arquitectos. A um colega do Sr. Rogério Azevedo, o arquitecto inglês Michael Ventris, (1) deve o mundo culto a decifração recente do Minóico Linear B, cujas conseqüências para a historia cultural do mundo mediterrâneo são incalculáveis.

É certo que Ventris tem a preparação greco-latina das escolas secundárias inglesas, que é excelente, e em Portugal há apenas arremedos de cultura humanística. A situação dos estudos clássicos não é de facto a mesma nos dois países.

A inscrição de Lamas de Moledo de que, em sucessivos trabalhos, (2) se vem ocupando o Sr. Arquitecto Rogério Azevedo, não tem sido muito estudada em Portugal. O A. conhece a bibliografia nacional, que não é muito mais volumosa do que a citada por Hübner, e não se esquece de mencioná-la.

(1) *Evidence for Greek dialect in the Mycenaean archives* by M. Ventris and J. Chadwick (Reprinted from the *Journal of Hellenic Studies*, vol. LXXIII, 1953).

(2) No *Apendiculado* promete o A. uma versão definitiva (e oxalá ela seja melhor que as anteriores!), da qual nos ocuparemos no próximo número de *Humanitas* (1955).

Em Espanha, todavia, onde o estudo da colonização pré-romana da Península Ibérica tem sido feito com entusiasmo e persistência, não faltam investigações recentes, realizadas por especialistas qualificados. É, por isso, de lamentar que o Sr. R. A. só conheça o trabalho de C. Hernando Balmori (*Emerita*, III, pp. 77-119) sobre esta inscrição, famosa — tal é o epíteto que lhe dá um investigador do país vizinho—muito antes de o Sr. R. A. ater descoberto. Assim, por exemplo, referiram-se à inscrição, em data próxima de nós, entre outros, Gómez Moreno, Caro Baroja e Antonio Tovar.

Em 1942, Gómez Moreno (3) escrevia a propósito, tanto da inscrição de Arroyo del Puerco (Hübner. CIL, II, ns. 738-9), como da que se encontra em Lamas de Moledo (CIL, II, n. 416, cf. p. 695): «Esto suena bien a nuestros oídos; casi adivinamos un dialecto grecolatino; casi casi lo entendemos; pero los celtistas se dan por vencidos ante éste y los otros monumentos peninsulares del mismo grupo». (4) E ñas duas inscrições tenta identificar algumas das suas formas com palavras gregas, todavia em reduzido número e com extremas cautelas.

A ideia de que a inscrição esteja composta em grego, embora em caracteres latinos (as três linhas iniciais, interpretadas há muito, são, aliás, em latim), não se apresenta, pois, como uma grande novidade. Todavia, nem a tentativa prudente de Gómez Moreno, nem a audaciosa de R. A. convencem.

É visível que a inscrição, com suas finais em *-oi*, *-ai*, *-om*, *-enti*, sugere uma língua indo-europeia. Deste modo, falar de «latim e dialecto céltico» (Hernando Balmori), ou de «dialecto greco-latino» (Gómez Moreno), ou arranjar um grego fantasioso, como faz o A., é confirmar apenas a impressão visual e auditiva de que se trata de uma língua indo-europeia, aliás, ainda por decifrar.

Levar-nos-ia muito tempo, sem grande proveito, criticar a mal assimilada ciência filológica do Sr. Rogério Azevedo, e as arbitrariedades com que estabelece um texto grego — ligeiramente diferente nos dois estudos — que traduz, ainda mais arbitrariamente, de nova maneira, sempre que dele se ocupa.

(3) In *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología de la Universidad de Valladolid*, tomo VIII (1942), p. 18.

(4) Como já fez notar o Prof. Antonio Tovar, a omissão de qualquer referência ao trabalho de Hernando Balmori contém implícita a descrença de Gómez Moreno, que certamente não ignorava essa tentativa, a respeito do celticismo da inscrição. Cf. Antonio Tovar in *Emerita*, X (1942), pp. 369-373. O Prof. Tovar em *Para un suplemento al \*Indogermanisches Etymologisches Woerterbuctf de J. Pokorny*, a propósito da forma *doenti*, considera a inscrição de Lamas de Moledo como pertencente «a los indoeuropeos preceltas de Lusitania». Vide *Anales de Filología Clásica*, V (1952), p. 152.

A interpretação musical do A. é de uma segurança que nos enche de pasmo. Especialistas como Winnington-Ingram mostram-se pessimistas com o pouco que se sabe de música grega antiga, a respeito de textos indiscutivelmente musicais. O Sr. R. A. é que não parece ter grandes dificuldades com a inscrição de Lamas de Moledo, apesar de tão duvidosamente musical. Num campo onde os especialistas confessam saber tão pouco, é consoladora a confiança do A.!

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

Pentti Aalto — Studien zur Geschichte des Infinitivs im Griechischen — Annales Academiae Scientiarum Fennicae. Helsinki, 1953, 116 pp.

Enriquece-se o patrimonio da Filologia com o decorrer dos séculos, alarga-se e complica-se o seu âmbito, robustecem-se as suas ambições. Como estamos longe de Schlegel, que ensaia os primeiros passos por sendas inexploradas, heroico desbravador duma terra cheia de mistérios e de promessas! Para ele, a descoberta do sânscrito é o facto revolucionário que abre perspectivas não sonhadas sobre o horizonte lendário do indo-europeu; para os filólogos actuais são mil e uma direcções do espírito que se exploram, é o hitita, é o tochariano, são os grupos de línguas não indo-europeias, são os materiais preciosos fornecidos pela Epigrafia, é a Geografia Linguística, enfim, um mundo de coisas e de teorias, um cosmos magnífico que o esforço continuado de muitos homens fez surgir no horizonte da cultura.

Estas considerações são-nos suscitadas pela leitura desta obra com que Pentti Aalto contribui para um melhor conhecimento dos problemas inerentes à história do infinito grego. Obra moderna, ela dá testemunho eloquente dos progressos efectuados neste século pela ciência filológica.

Logo no prefácio refere o A. a complexa variedade do seu tema e propõe-se informar-nos do estado actual da investigação, prometendo além disso trazer uma resposta a algumas perguntas que não encontraram ainda cabal esclarecimento. De início marca os limites do seu trabalho e confessa honestamente os pontos a que a sua boa vontade não chegou em matéria de bibliografia e análise de textos, nomeadamente no que se refere ao estudo dos papiros. A bibliografia do assunto, citada no fim do livro, é completa e extensíssima.